ENTREVISTA

ENTREVISTA COM GEORGE MARCUS

Por Heloisa Buarque de Almeida, Lídia Marcelino Rebouças e Vagner Gonçalves da Silva. Tradução de Heloisa Buarque de Almeida.

Em 1993, o antropólogo americano George E. Marcus ficou 2 meses no Brasil, ministrando um curso na Unicamp e foi entrevistado para CADERNOS DE CAMPO. Marcus é professor do Departamento de Antropologia da Rice University, co-autor de *Anthropology as Cultural Critique* (com Michael Fischer) e co-editor de *Writing Culture* (com James Clifford). Considerado um dos participantes do movimento pós-moderno na antropologia americana, ele prefere dizer que faz parte de um grupo que levantou uma crítica - profunda e modificadora - à antropologia. Apesar de valorizar alguns aspectos desse movimento, Marcus se considera mais um etnógrafo da história atual da antropologia que um dos expoentes do grupo.

CADERNOS DE CAMPO: No prefácio de *Anthropology as Cultural Critique* você fala na crise da antropologia e das ciências humanas nos Estados Unidos. No caso, você está falando da falta de incentivo do governo, diminuição do número de alunos matriculados na área e dos programas de graduação. Como está a situação agora? Houve alguma mudança?

GEORGE MARCUS: Esta é a situação institucional. "Crise" é uma palavra estranha - dentro da nossa crítica antropológica toda as palavras-chave tornam-se objeto de reflexão, e então fica difícil dar respostas diretas, simples. A idéia central que nós tínhamos quanto a uma crise era a de crise intelectual. Mas não haveria uma crise intelectual se ela não viesse acompanhada de certos elementos institucionais. Na história, sempre acontecem esses momentos de crise institucional, mas é preciso analisá-los com parte de uma tendência mais ampla.

Não acho que o fator institucional seja um problema da mesma magnitude do problema intelectual, mas ele certamente tem sua influência. O motivo de ter ressaltado isso é porque, normalmente, nas discussões que os antropólogos têm sobre suas idéias, eles não dão a devida atenção aos fatores institucionais - que são extremamente importantes. Eu diria que os fatores institucionais que se relacionam com a diminuição do compromisso por parte dos financiamentos governamentais e até com a diminuição da população de estudantes - o final do chamado "baby boom" nos Estados Unidos - têm uma influência determinante na situação atual da relação entre as gerações na universidade. Estou muito interessado nisso, porque onde há o contato entre as gerações é onde as idéias são debatidas - e essa é a questão central. A geração mais velha, dos professores *senior* na antropologia, chegou à sua maturidade profissional numa época em que havia uma grande expansão no sistema educacional americano. Em parte, acho que isso aconteceu em função da guerra fria. Mas no do período pós-guerra, nos anos 50 e 60, eles eram os membros mais respeitados da profissão e agora estão aposentados. A visão era de

uma antropologia em expansão, ou talvez a questão da expansão não fosse um problema.

Mas a partir do final dos anos 60, ou no começo dos anos 70, apareceram ondas de redução na academia americana em geral. Cada onda é um pouco diferente das outras. Em meados dos anos 70 e começo dos anos 80, foi uma onda demográfica, na qual percebeu-se que haveria uma diminuição da população de estudantes no futuro, em que houve um corte nos programas de graduação e ao mesmo tempo um tipo de mudança nos meios docentes. A crise institucional mais recente na situação americana foi financeira, mais do que demográfica; tem havido cortes severos nos orçamentos das universidades. Este é um fato que afeta todas as disciplinas que são mantidas pelos fundos da universidade - estadual ou particular - nos Estados Unidos, e não por subvenção. As Ciências são menos afetadas por que elas se readapatam e encontram outras fontes de financiamento para a pesquisa; e o financiamento mantém os professores e os alunos. Nós não temos nada parecido com isso. Então, as ciências humanas estão encolhendo e isto provoca um impacto muito forte.

Um outro fator externo é que todo esse período da crítica da antropologia tem suas raízes num momento anterior, e acho que já estava sendo gerado debaixo da superfície. Ele apareceu a partir da crítica da linguagem de meados dos anos 80, mas o ambiente geral do país era bastante conservador. Foi um período muito conservador - e ainda é, apesar da eleição de Clinton -, tivemos Reagan, Bush, que trouxeram mudanças profundas na vida americana e a academia perdeu seu papel político. Foi um fato importante. Há muito efeitos institucionais e de âmbito mais geral que precisam ser compreendidos.

CADERNOS DE CAMPO: Então, apesar dessas crises no nível social e institucional, a grande crise é a crise dos paradigmas. Como você aponta nos seus trabalhos, temos a invenção de um texto modernista, em oposição ao texto etnográfico realista. Essa idéia talvez tenha aparecido por aqui um tanto exagerada, algo como um tipo de trabalho que desistisse de ser científico, uma proposta de se deixar a ciência de lado. Sei que não é isso que você propõe, mas você não acha que algumas pessoas nesse movimento pós-moderno da antropologia parecem deixar o projeto científico de lado? Quer dizer, científico no sentido de uma busca da interpretação, da explicação?

GEORGE MARCUS: As contradições no trabalho, a falta de um paradigma positivista, tem sido parte integrante da prática antropológica desde o começo da antropologia moderna, com Malinowski, ou seja, a antropologia do século XX - e até antes disso para algumas pessoas. Isso não é novo. A questão é que há certas tendências que estão no coração da antropologia que são radicalizadas pela nossa crítica. Porque na antropologia, esse método, esse tipo de tradução e interpretação hermenêutica, sempre foi parte da ciência antropológica - e eu usei a palavra *ciência*. Nunca houve uma percepção completa deste aspecto da antropologia. O que a nossa crítica fez foi radicalizar algumas dessas questões que já estavam presentes na antropologia - e a nossa crítica também tem sua história. Toda essa questão de se devíamos desistir da ciência e passarmos a ser apenas literatura não existe, isso faz parte de uma certa incompreensão à crítica.

A questão verdadeira, para mim, é que, quando passamos a considerar os problemas que já estavam na antropologia e foram radicalizados pela crítica, precisamos saber quais são os limites. Ou seja, é preciso nos concentramos nessas questões, em vez de deixá-las nas notas de rodapé, no fundo da sua cabeça, nas margens do seu trabalho, e dar-lhes mais atenção. Minha idéia é que dessa forma podemos fazer transformações, essas questões não podem ser limitadas a meras precisões, deta-

lhes metodológicos. O que é perigoso na crítica é que ela pode ser transformadora, não há limites claros. Não basta só considerar os pontos levantados pela nossa crítica e continuar com o trabalho da ciência, a crítica não será contida assim, ela não será interrompida. Há várias tradições do pensamento ocidental por trás da noção de crítica reflexiva, e os antropólogos conheciam vagamente essas noções, alguns mais do que outros. Na situação que eu conheço, não conheço a situação da antropologia no Brasil, mas nos Estados Unidos, essas tradições permaneceram propositadamente irrelevantes - diria até que foram ignoradas. Mas é impossível ignorá-las hoje, esse é resultado das mudanças intelectuais dos anos 70, nos Estados Unidos.

Como você sabe, na Inglaterra, a antropologia se baseia no conceito de sociedade, é uma antropologia Social, a cultura não é importante. Mas a antropologia americana se baseia na noção de cultura, uma noção um tanto confusa. Os antropólogos acabaram descobrindo, acho que nos anos 70 e de forma crescente até hoje, que todo o debate e discussão sobre cultura foi apropriado por outros campos das humanidades. E, surpreendentemente, com discussões e questões muito mais interessantes sobre cultura. Normalmente é um pensamento bastante teórico e não muito consistente, não tem uma tradição empírica, porque vem a partir da base textual das humanidades. No entanto, aparecem discussões cada vez mais ricas sobre a cultura, algumas delas parecem muito ingênuas do ponto de vista da antropologia, eles reinventaram coisas que nós já conhecíamos muito bem. Mas foi uma grande força intelectual, algo que não estava mais acontecendo na antropologia, que havia acontecido há muito tempo, com trabalhos antigos. Não quero dizer que a antropologia estava morta, ela era bastante vital naquilo que ela sempre fez bem. Entretanto, os campos sempre atraem pessoas de outros campos, aquilo que as pessoas chamam de forma pejorativa de "moda". Acho que a moda é algo produtivo, é onde aparecem as idéias, mesmo que sejam idéias mal desenvolvidas, irresponsáveis. Nesse ponto, faltava alguma moda na antropologia, faltava esse tipo de debate no começo dos anos 70, e foi essa a sua crise.

Havia um pouco de funcionalismo, estruturalismo, estudos materias e ecológicos, havia a etno-ciência e a antropologia cognitiva, etc. Ou seja, muitos ramos da antropologia e os seus cultos. Mas depois do estruturalismo não apareceu mais uma posição quanto ao que deveria ser um paradigma de trabalho, ou um direcionamento. A antropologia estava fazendo grandes etnografias, mas era um espaço em que nada estava prevalecendo, e foi quando a antropologia cultural no sentido de Boas se colocou. Nós a conhecíamos pelos trabalhos de Geertz. Foi isso que completou esse espaço nos anos 70, foi o momento da antropologia cultural interpretativa. Geertz foi predominante - e ele estava na margem, ele tem uma personalidade muito diferente de pessoas como Marshall Sahlins ou Eric Wolf, ele nunca teve seguidores. Ele estava na margem, mas a sua marginalidade tornou-se central, mesmo se considerarmos que o seu trabalho já era respeitado antes. Na falta de um debate paradigmático - se devia prevalecer o estruturalismo ou outra corrente, debate que caracterizou os anos 50 e 60 - era um momento em que existiam muitas correntes, e nenhuma delas era nova, então, nos anos 70, foi a vez da antropologia interpretativa.

A antropologia interpretativa não era especificamente uma antropolgia crítica, como a que era feita por Bob Scholte, Dell Hymes, Leo Marx. Geertz era mais um liberal, não era muito politizado. Não havia política em Geertz, só uma política liberal que estava em descrédito, mas ele se manteve longe da política. O que havia era uma percepção da importância da filosofia e da teoria social européia da época; isso foi uma abertura. Os alunos de Geertz foram encorajados a encontrar a cultura

por si próprios onde fosse possível, e muita gente saiu de Chicago naquele período. Foi uma época emocionante, com Geertz, Schneider e outros lendo coisas pela primeira vez. Muitos alunos de Chicago se abriram para a hermenêutica alemã contemporânea, o pensamento francês, etc.

A questão é que, como Geertz, eles tinham que descobrir as coisas sozinhos, porque essas idéias não estavam incorporadas no currículo universitário de antropologia, nem na graduação, nem na pós-graduação. Nos anos 60 e 70, o currículo universitário era muito previsível, se você olhar os catálogos de diferentes escolas verá que eles não incorporavam essas mudanças. Muitas matérias não estavam presentes, como cursos sobre parentesco, e havia a inclusão de cursos feministas e cursos com nomes bastante peculiares. Por exemplo, "antropologia política" seria substituída por "política no sistema mundial", ou algo parecido com isso. Foi uma geração de transição, pessoas como eu, na casa dos 30 e dos 40, que estavam na graduação no final dos anos 60, nos anos 70 e até começo dos 80. Os alunos de pós-graduação que vieram depois disso, depois do período da crítica, são muito diferentes de nós. E nós fomos muito diferentes dos nossos "pais", de Sahlins, Wolf, os grandes nomes da antropologia americana.

Em meados dos anos 80 nós nos concentramos em um aspecto, mas não nos focamos num paradigma, não havia paradigma algum, nós nos voltamos para um tipo de crítica. E fomos ampliando essa crítica. Em vez de substituirmos o estruturalimo por outra corrente, ou termos a esperança de um novo paradigma através do qual unificaríamos os trabalhos, o que unificou foi uma crítica poderosa.

Hoje, há uma ruptura profunda na academia porque os alunos mais novos não compartilham as mesmas referências intelectuais com os mais velhos. O que a geração mais nova faz é muito diferente do que foi feito antes. As pessoas da geração da transição aprenderam a antropologia tradicional, fizeram trabalho de campo em algum lugar e rapidamente passaram a fazer outras coisas. A minha geração, em geral, respeita a geração anterior. Não é preciso "matar o pai" no sentido do provérbio, não há necessidade de destruir a geração anterior, porque as suas idéias são basicamente aceitas. Só que apareceu um conjunto de idéias alternativas.

Quanto a nossa relação com a geração dos mais jovens, nós temos as mesmas referências intelectuais. Mas a noção de uma carreira, do motivo que leva cada um a fazer o seu trabalho é muito diferente. Os mais jovens parecem ser mais radicais, tentam trazer sentidos alternativos para os seus trabalhos. É possível analisar sociologicamente as diferenças. Na antropologia americana há lugares em que a situação parece mais interessante do que em outros. Por exemplo, a Califórnia tem muitos departamentos famosos por causa da sua grande expansão econômica. Há também uma crise e cortes nos programas da Califórnia mas, ao mesmo tempo, a natureza da sociedade local está se modificando. Estas mudanças estão afetando a universidade. As grandes lutas de mudanças na Califórnia aconteceram na universidade, como as mudanças de currículo, e o seu grupo acadêmico foi atingido profundamente. Percebo melhor a atuação dos jovens antropólogos em lugares como Santa Cruz. Eles não são mais radicais nas suas idéias do que em outros lugares, mas eles parecem ter uma imagem mais ativa. Eles não são ativistas em movimentos sociais fora da universidade, mas sim nos seus trabalhos. As pessoas da geração de transição não são assim, isso é um grande diferença. Nós somos parecidos com os mais velhos em termos de carreira, mas diferimos nas bases intelectuais; somos parecidos em termos intelectuais com os mais novos, mais diferimos em termos de carreira.

CADERNOS DE CAMPO: Quanto à posição política, parece-nos que o seu grupo, da crítica,

mantém uma posição política muito clara com o seu objeto de estudo, com a forma como os contatos e o trabalho etnográfico são feitos. Como você vê a posição do antropólogo na sociedade, em geral? Você acha importante tomarmos uma posição, por exemplo, quanto às questões de racismo, ou do renascimento do nazismo, etc?

GEORGE MARCUS: Esta questão é sempre colocada de alguma forma contra o pós-modernismo. O capital intelectual do pós-modernismo vem da Europa, mas o seu debate é tipicamente americano, em termos do trabalho central. Há muitas respostas para essa questão da política, e uma é dizer que a velha forma de pensar a relação do intelectual com a política não é mais relevante.

Nos anos 60, cujo resultado foi muito estranho, houve uma participação muito grande da academia na política, com o caso do Vietnam e tudo mais, mas depois disso veio um grande silêncio. A partir dos anos 70, nos Estados Unidos, tem havido uma total alienação dos intelectuais quanto à política. Eles se voltaram para dentro. Existe essa noção de que há uma dimensão política muito forte no trabalho acadêmico e quem partilha dessa idéia não compreende que os intelectuais se considerem com uma forte posição política fora da academia. Porque sua atuação política é muito convencional, por exemplo, através da filiação em partidos que são parte da nossa sociedade - isso faz parte de nossa identidade, mas é uma atuação comum a qualquer indivíduo. Em muitos lugares esse tipo de ação está se exaurindo, a não ser em áreas do mundo em que há mudanças reais, mas aí a velha forma de filiação política não faz muito sentido. Nessas regiões, os intelectuais e os acadêmicos estão envolvidos de forma diferente. Mas a questão política colocada pelo pós-modernismo na prática antropológica é uma questão ética, há uma diferença cultural verdadeira.

Quanto ao racismo, é claro que o antropólogo pode discutir a emergência do racismo, etc. Os antropólogos americanos que têm se declarado quanto a essas questões, principalmente na Europa, às vezes têm uma posição um tanto fútil, eu acho. Mas na Europa, principalmente, é uma questão importante. É muito difícil falar de antropologia e de teorias racias sem nos lembrarmos que as teoriais racias foram parte da antropologia em vários momentos, inclusive em lugares como a França e a Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial. Em um certo momento a noção de cultura substitui a noção de raça na antropologia, e acho que, nos Estados Unidos, isto foi uma luta que foi vencida e considero que tenha sido um vitória fundamental na época de Franz Boas. Uma vitória que continua sendo importante depois de Boas, exceto para a antropologia biológica onde também era um tema marginal, a questão racial era ignorada. Mesmo na época dos movimentos pelos Direitos Humanos dos negros nos Estados Unidos, os antropólogos não tiveram uma participação importante. O tema das relações racias foi esquecido pelos antropólogos e agora teremos que repensar, mas repensar relacionando-o ao conceito de cultura. É uma área a ser pesquisada.

Considero que o próprio trabalho que os antropólogos fazem, e esse é um dos grandes argumentos do pós-modernismo, é inerentemente político. Portanto, a mera estratégia de posicionamento numa pesquisa já é política. Para os europeus ou os brasileiros pode não ser realmente política, a política verdadeira talvez esteja quando você faz uma pesquisa em conjunto com um partido ou uma posição, de forma a contribuir com uma luta política momentânea da sociedade. Esta é a forma européia de satisfazer as implicações políticas de uma pesquisa. Mas, no contexto americano e no contexto inglês, isso não acontece. A questão para nós é se a sociedade tem uma política íntima, onde o âmbito pessoal é político. Este é

o tipo mais importante de política, é a política que muda as condições de vida. Não sei se este tipo de visão da política é relevante para o Brasil ou para a Europa.

Há uma idéia de que o pós-modernismo é hermético, é apenas um esteticismo. Existe mesmo este forte elemento de esteticismo mas isso é necessário na antropologia, porque qualquer mudança fundamental exige um novo imaginário e isso é objeto de estudo. Mas não significa que não possa ser político ou que não possa ser crítico; e certamente não é literário, essa visão faz parte de um certo nervosismo reacionário. Não acho que os antropólogos sejam escritores ou poetas frustrados que agora podem escrever seus romances de outra forma. Eles sempre escreveram romances e poemas. Acho que apenas houve uma abertura e ela trouxe muitas contribuições. Uma delas é um tipo de antropologia humanista, com a qual eu não estou envolvido. Mas há autores muito bons e interessantes nessa área, como Paul Stoller e Tedlock nos Estados Unidos. Eles estão envolvidos com o aspecto humanístico da antropologia. Mas essa idéia de uma antropologia literária nunca aconteceu e não acontecerá.As pessoas não vão deixar de fazer trabalho de campo, e este é o medo que alguns parecem ter. Não é um rompimento com a tradição da antropologia.

Outra contribuição é o experimentalismo, uma idéia que me agrada, mas que assusta muita gente porque você não pode construir uma disciplina a partir de experimentos.É preciso formar outras pessoas, é preciso ter um debate teórico. Todos os exemplos de James Clifford vieram da história da antropologia, ele reinventa ou reconstrói trabalhos clássicos. Ele mostra algo que é sempre esquecido, ou seja, que o cientificismo posterior à Segunda Guerra é o tipo de ciência da qual nos queremos nos libertar, e não a Ciência em geral; é apenas o cientificismo estreito, positivista, típico do pós-guerra ao qual ninguém mais se filia. Não adianta perguntar apenas o que acontecerá com a ciência, depende de qual ciência nós estamos falando. Clifford está reconstruindo um legado da antropologia, mas não quer dizer que precisamos escrever de forma diferente, o trabalho dele só mostra como o pós-modernismo pode ir a fundo pensando o trabalho de outros autores.

CADERNOS DE CAMPO: O que você está pesquisando agora, qual seu atual trabalho de campo?

GEORGE MARCUS: Sou um exemplo ruim. Acabei de terminar um trabalho que comecei há dez anos sobre famílias dinásticas e há um livro sobre isso, *Lives in Trust*. Esse livro resume uma parte do trabalho, mas não todo ele. Ainda faltam algumas partes a serem finalizadas. Mas não continuarei neste projeto. O meu interesse estava nessas famílias como um pólo de extrema concentração de riqueza e como se desenvolvia um tipo de cultura específico entre os seus membros. Mas o tipo de trabalho em que estou interessado atualmente é aquele que nos força a fazer justaposições analíticas, onde há justaposições de elementos que você nunca imaginou que poderiam ter alguma relação. Então, eu tentei comparar as famílias dinásticas americanas com a aristocracia em Tonga, fazendo uma justaposição. Como você pode comparar um aspecto de uma sociedade com um aspecto de um outro grupo muito distante? Eles têm sua existência enquanto formações culturais que devem ser reveladas etnograficamente, mas é interessante fazer uma comparação entre mundos descontínuos. Estou muito interessado em como poderemos pesquisar etnograficamente essas coisas, como poderemos fazer esse tipo de pesquisa. É um interesse não muito convencional.

CADERNOS DE CAMPO: Mas você estava pesquisando a sociedade americana, nos Estados Unidos.

GEORGE MARCUS: Acho que em nosso livro, Fischer e eu fomos um pouco ingênuos e tentamos recuperar uma tradição crítica da antropologia. Haveria sempre uma dualidade. Sempre que um trabalho está lidando com o outro, estamos fazendo uma crítica implícita à nossa sociedade. Essa seria uma tradição crítica da antropologia que estaria precisando ser desenvolvida. Mas ela implica em dizer que o trabalho crítico está na "repatriação". Na antropologia americana, e também na britânica e francesa, a norma geral é trabalhar fora da nossa própria sociedade e depois voltar a ela. Nesse sentido é uma antropologia "imperial" - não é este o caso aqui no Brasil. Nos departamentos de antropologia e Sociologia, de Chicago ou até no meu departamento, por exemplo, os alunos de pós-graduação devem trabalhar no México, na África ou na Ásia, e depois podem trabalhar com a sociedade americana - e há muitos bons motivos para isso. Se os alunos escolhem trabalhar com a sociedade americana na sua primeira pesquisa, eles não são considerados "antropólogos de verdade".

Para responder à sua pergunta, sim, eu trabalho com a sociedade americana, mas só depois de ter trabalhado em Tonga. Foi só por trabalhar em Tonga que fui levado a pesquisar a sociedade americana. Hoje, acabei me transformando num etnógrafo do desenvolvimento da antropologia. O que estudei acabou sendo chamado de antropologia pós-moderna, mas não gosto muito desse nome porque foi um nome que apareceu na falta de outro, as pessoas não sabiam como denominar essa tendência. Eu tenho minhas próprias posições, mas as pessoas me viram como um representante do pós-modernismo. De certa forma as pessoas começaram a me cobrar posições pós-modernas, perguntavam-me onde estava a Nova Etnografia. A questão é que não há uma Nova Etnografia, há muitas etnografias, com aspectos experimentais, mas não geraram uma linha definitiva. A etiqueta passou a ser "antropologia pós-moderna", e é uma nomeação complicada, porque se o que é chamado de pós-moderno é descartado, é rejeitado, então devemos descartar tudo o que estava sob essa nomeação. Mas ela está se formando, as tendências intelectuais atuais ainda estão confusas, como estão nas outras disciplinas. Não é e nunca foi um fenômeno unificado. Eu aceito algumas mudanças e práticas do pós-modernismo, mas não gosto de algumas extensões delas. Por exemplo, a questão de se trabalhar ou não fora da nossa sociedade - isso nem é relevante no Brasil, só importa para a chamada "antropologia imperial", onde os antropólogos sempre trabalham fora de sua própria sociedade. Mas gosto da idéia de justaposição. Além da etnografia, a outra coisa que a antropologia faz muito bem é a comparação, mas a justaposição é um outro tipo de comparação.

De qualquer forma, trabalhei nos Estados Unidos; a pesquisa com as famílias dinásticas estava, claro, dentro da minha própria sociedade. Também trabalhei com os aristocratas de Tonga, mas estava realmente interessado nessas famílias americanas. Eu estava interessado nas relações entre a riqueza, o dinheiro, e as pessoas - como eles têm vidas paralelas. Nunca foi minha intenção fazer uma etnografia familiar. A minha intenção era crítica: isto é chamado de "família" mas, em termos culturais, trata-se de outra coisa. Não podemos constrangê-la simplesmente à antiga idéia dos interesses da classe alta - isso existe, mas eu queria fazer uma outra interpretação. Foi isso que me fascinou neste trabalho.

Acho que a chave para revitalizar a antropologia é poder trabalhar com um pequeno grupo mas, no fundo, estarmos falando sobre coisas mais amplas do que só o seu objeto de estudo. O problema é que temos sempre que falar sobre coisas pequenas, mas não sabemos como colocá-las em contextos mais amplos. Nós sempre emprestamos os contextos mais amplos de outros campos, da história, de Marx, da teoria, etc. Hoje, o que deixa as pessoas frustradas é que achamos o contexto

de um trabalho na teoria, que é uma coisa chata, abstrata. Sempre lemos a resenha de um livro dizendo que o material é maravilhoso, uma grande etnografia, mas o desagradável são os densos capítulos de introdução e conclusão.

A questão acadêmica central é a contextualização e, a partir disso, a apropriação da pesquisa antropológica. Nós vamos apenas produzir estudos de caso que outras pessoas, de outras áreas, vão usar para seus próprios objetivos? Este é o problema da antropologia que não está sendo incluido nos grandes debates intelectuais. O que é mais valorizado na antropologia, a etnografia detalhada, desenvolvida com paixão, que é sensacional, não é feita por ninguém de fora da antropologia. Os antropólogos realmente sabem o que está acontecendo no sentido mais apurado, mais do que os sociólogos, por exemplo. Já discuti esta questão aqui no Brasil e em outros lugares. O problema da antropologia é conseguir realmente construir o contexto do seu próprio trabalho.

O meu modo de fazer isso não é através da argumentação, mas através do próprio objeto de estudo. A antropologia não pesquisa só a família, é a família que está sendo estudada, mas a pesquisa acaba sendo mais ampla - isso não é um truque, isso é muito sério. No início, é sempre um ato da imaginação, mas não uma imaginação livre, precisa ser constantemente trabalhada. Pode parecer muito idealista, mas não é. São poucas pessoas que fazem isso bem feito na antropologia, ou que aceitam correr os riscos. Michael Taussig faz isso no seu livro, e é o que mais aprecio no seu trabalho. A tela sobre a qual ele pinta e a forma que ele constrói seu argumento no livro sobre Xamanismo é o ponto especial do seu livro. Há outras pessoas que trabalham bem com isso. Cada pessoa tem uma sensibilidade diferente, por exemplo, Michael Fischer tem muita sensibilidade quanto ao diálogo, os efeitos da abertura do diálogo dentro de uma sociologia que exige uma boa descrição e discussão sobre o tema. A liberdade da linguagem talvez seja a questão crítica fundamental. O que está sendo muito positivo neste período é que a antropologia está ficando cada vez mais interessante, mais interessante do que quando eu era estudante.

CADERNOS DE CAMPO: O que você achou dos trabalhos que os antropólogos desenvolvem no Brasil?

GEORGE MARCUS: Fiquei surpreso pela diversidade de interesses. Na pós-graduação, os alunos da UNICAMP revelaram em geral os mesmos interesses que os estudantes americanos. O que parece ser específico no Brasil é o interesse nas pesquisas etnológicas, nos índios, mas fora dessa área os temas estão muito dispersos. Na UNICAMP tem muita gente trabalhando com a questão da violência nas áreas urbanas. Mas, para mim, é muito difícil perceber as linhas gerais, principalmente nessa área de antropologia urbana. Não consegui ter uma noção geral, ninguém me deu um mapeamento dos trabalhos que são feitos aqui. Mas fiquei impressionado com a vastidão de interesses. O que me interessaria estudar aqui é a inflação e o impacto da inflação na remodelação da vida cotidiana.